

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
8 e 24 de Abril de 2025
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA (II)

SECRET AGENT / 1996 O Agente Secreto

Um filme de Christopher Hampton

Argumento: Christopher Hampton, baseado no romance "Victory - an Island's Tale" (1915), de Joseph Conrad / *Diretor de fotografia* (35mm, cor, formato 1x85): Denis Lenoir / *Cenários:* Frank Walsh / *Figurinos:* Anushia Nieradzki / *Música:* Philip Glass / *Montagem:* George Akers / *Som (Dolby Digital):* Peter Lindsay / *Interpretação:* Bob Hoskins (*Verloc*), Patricia Arquette (*Winnie*), Jim Broadbent (*Inspetor Heat*), Gérard Depardieu (*Ossipon*), Christian Bale (*Stevie*), Roger Hammond/pseudónimo de Robin Davis (*Michaelis*) e outros.

Produção: Twentieth-Century Fox e Capitol Films / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa, 35 mm, versão original com legendas em português / *Duração:* 93 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Toronto, 7 de Setembro de 1996 / *Estreia em Portugal:* 13 de Junho de 1996 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Nascido em 1946, Christopher Hampton fez-se conhecer sobretudo como homem de teatro. Teve a sua primeira peça estreada em Londres quando tinha apenas vinte e um anos e tornou-se realmente célebre em 1985 com a sua hábil adaptação para o teatro de **As Ligações Perigosas**, o brilhante romance epistolar e libertino do século XVIII. A peça foi levada ao cinema, com muito êxito, por Stephen Frears, em 1988. Hampton fizera a sua primeira incursão ao cinema em 1973, como argumentista e, nesta qualidade, colaborou em vários filmes nos anos 80. **Secret Agent** é a sua segunda incursão na realização, um ano depois de **Carrington**. Hampton só regressaria à realização de filmes em 2003, com **Imagining Argentina** e desde então não realizou nenhum outro filme.

Secret Agent adapta *Victory* de Conrad, que Hitchcock adaptara por sua vez em 1936, transpondo a história para a época contemporânea, mas os dois filmes têm tão pouco a ver um com o outro que qualquer comparação ou analogia é inútil. A trama do romance é realmente sinistra e de um pessimismo exemplar: um indivíduo que aparenta trabalhar para a causa anarquista, serve os interesses da polícia, além de estar a soldo de uma embaixada estrangeira hostil. Acrescenta-se a isso a morte do seu jovem cunhado, causada involuntariamente por ele. O romance foi adaptado para o teatro em Londres em 1922 e o fracasso comercial do espetáculo foi atribuído por Conrad ao facto da trama narrativa ser demasiado sombria para o público londrino da época: "*É inútil tentar fazer com que pessoas fúteis se interessem por ver horrores*".

Na opinião de Hampton a maioria dos cineastas que adaptaram Conrad tiveram tendência a diluir o aspecto sombrio da condição humana que ele mostra: "*queremos que os grandes autores sejam otimistas, mas Conrad não o era. A sua visão do mundo era muito sombria*". A ação do romance se passa em Londres e no filme, como no livro, a cidade é uma espécie de aquário, com ruas lamacentas e escorregadias, espaços interiores eternamente sinistros, uma chuva frígida e uma impressão quase permanente de noite. Num ensaio sobre o filme, Gene Philips observa que "**Secret Agent** tem lugar na selva de betão de uma grande cidade. No livro Londres é descrita como uma espécie de selva sinistra e hostil, pouco diferente da selva de outras obras de Conrad, como **Coração das Trevas**. Isto faz-nos pensar a que ponto a sociedade moderna é realmente «civilizada»". Como é regra nos filmes "de época", Hampton optou por uma versão ilustrativa do romance e **Secret Agent** é o resultado de uma minuciosa *mise en*

scène de estúdio, com cenários e guarda-roupa de qualidade altamente profissional, longe de qualquer noção de luxo, com uma escolha de tonalidades sombrias e espaços fechados que criam um ambiente sufocante, reflexo do receio permanente daqueles que exercem uma atividade política clandestina. O filme é um objeto tão esmerado no seu aspecto visual que Quim Casas, numa análise atenta, observou que Hampton utiliza o romance *“como caligráfica matéria de estilo”*, o que é um modo indireto de dizer que o filme é um competentíssimo exercício de estilo, o que não é inteiramente errôneo, nem inteiramente acertado.

Quase todos os personagens têm algo de misterioso, na medida em que têm uma dupla vida e parecem agir de modo sonâmbulo, mesmo o manipulador Verloc. Hampton quis criar e criou com destreza aquilo que se chama um *filme de ambiente*, em que os personagens de movem de modo algo oblíquo num contexto visual e narrativo claramente definido, num *clima* que a música vem completar com o seu poder sugestivo (no caso deste filme, de Philip Glass). Mas como tantos cineastas originários do teatro, Hampton teve tendência a afrouxar a ação e a intensificar a importância do trabalho dos atores, a caracterização. Por outro lado, há quem seja da opinião que esta falta de tensão narrativa é um modo de ser fiel a Conrad, *“que recusa os mecanismos vulgares do suspense, parcialmente devido à sua convicção sombriamente conservadora de nada **pode** acontecer”* (Peter Matthews, num artigo em *Sight & Sound* em que, ao lado desta inteligente observação, profere alguns absurdos sobre o filme). Apesar da preponderância da criação de um ambiente e da presença dos atores sobre os acontecimentos dramáticos, não há nem por um segundo qualquer *overacting* em **Secret Agent**. No entanto, na lógica do filme a simples presença física e verbal dos atores substitui as interações e conflitos entre personagens, à exceção da poderosa sequência da morte de Verloc. Esta é certamente mais eficaz do que o *flashback* sobre o atentado falhado, que poderia muito bem ter chegado ao fim com o rapaz a tropeçar e a explosão vista à distância e é prejudicada pela duvidosa ideia de mostrar a cabeça dele no galho de uma árvore, uma ideia que destoa do conjunto do filme. Por outro lado, Hampton consegue construir verdadeiros retratos dos personagens, tanto os principais quanto os secundários. No conjunto, **Secret Agent** é um objeto que suscita mais admiração racional do que entusiasmo espontâneo e que Quim Casas resumiu muito bem com as seguintes palavras: o filme *“é literário, académico, muito esmerado, algo rígido na sua formulação visual, é verdade, mas também tem uma atmosfera turva – e esta turvação não emana apenas da composição das imagens, mas também da definição dos personagens e a consumação dos seus atos, que são extremamente fiéis ao espírito inconformista de Conrad e uma estimulante agilidade dramática que permite ver com mais nitidez o mundo em decomposição que o escritor polaco mostrou nas suas páginas”*.

Antonio Rodrigues